

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**AMANDA PENACHIN**

**OS EFEITOS DE SENTIDO CAUSADOS PELA TRADUÇÃO DOS NEOLOGISMOS  
EM *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL***

**CAMPINAS**

**2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**AMANDA PENACHIN**

**OS EFEITOS DE SENTIDO CAUSADOS PELA TRADUÇÃO DOS NEOLOGISMOS  
EM *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Escola de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharelado.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Righi de Andrade

**CAMPINAS**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada por Silvana Maria Teixeira CRB 8/9134  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

Penachin, Amanda

Os efeitos de sentido causados pela tradução dos neologismos em Harry Potter e a pedra filosofal. / Amanda Penachin. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

30 f.

Orientador: Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade.

TCC (Bacharelado em Letras) - Faculdade de Letras, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.  
Inclui bibliografia.

1. Linguagem - terminologia. 2. Neologismo. 3. Tradução e interpretação. I. Andrade, Profa. Dra. Eliane Righi de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Letras. III. Título.

23. ed. CDD

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**AMANDA PENACHIN**

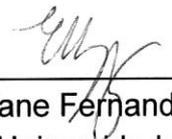
**OS EFEITOS DE SENTIDO CAUSADOS PELA TRADUÇÃO DOS NEOLOGISMOS  
EM HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
defendido e aprovado em 05 de junho de  
2023 pela comissão examinadora:



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Righi de Andrade  
Orientadora e presidente da comissão  
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eliane Fernandes Azzari  
Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas

**CAMPINAS**

**2023**

## RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar a tradução em português de neologismos identificados no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, conforme tradução feita por Lia Wyler, comparando-os com os seus respectivos termos localizados no livro *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, da autora J.K. Rowling. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa interpretativa e estudo de caso, para interpretação e análise com enfoque exploratório e descritivo do objeto em questão, além de uma pesquisa bibliográfica para os aportes teóricos sobre tradução. Para a discussão, serão abordados alguns pontos sobre a teoria da tradução de Antoine Berman (2013; 2009; 2002) e de Lawrence Venuti (2002; 1996), especialmente as estratégias tradutórias propostas pelo segundo, a estrangeirização e a domesticação. Além disso, traremos à discussão procedimentos de tradução propostos por Vinay e Dalbènet (1995) utilizados até hoje na prática profissional. A proposta deste trabalho de conclusão de curso é analisar quais foram as estratégias e os procedimentos tradutórios utilizados por Lia Wyler ao traduzir os neologismos, levando em consideração os efeitos de sentido que eles geram na obra, questionando se foram mantidos na tradução, levando-se em conta o público alvo falante de português do Brasil.

**Palavras-chave:** Harry Potter; tradução; estrangeirização; domesticação.

## **ABSTRACT:**

This essay aims to analyze the Portuguese translation of neologisms of the book *Harry Potter e a Pedra Filosofal* produced by the translator Lia Wyler, comparing them with their respective neologisms from the book *Harry Potter and the Philosopher's Stone* written by the author JK Rowling. The methodology was a qualitative and interpretative research, and also a case study for interpretation and analysis with an exploratory and descriptive focus in the object in question, in addition to a bibliographic research for the theoretical contributions on translation. This paper will use some theoretical concepts from Berman's theory of translation (2013; 2009; 2002) and Venuti (2002; 1996), especially the translation strategies proposed by the later, foreignization and domestication. In addition, it will be discussed some translation procedures proposed by Vinay and Dalbernet (1995) used until nowadays in translation practice. The purpose of this final paper is to analyze what were the translation strategies and procedures used by Lia Wyler when she translated the neologisms, taking into account the meaning effects they have in the book, and if they were maintained in the translation, considering the Portuguese-speaking target audience.

**Keywords:** Harry Potter; translation; foreignization; domestication.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 METODOLOGIA</b> .....	9
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	10
<b>3 CONTEXTUALIZANDO A OBRA</b> .....	17
<b>3.1 Análise dos recortes</b> .....	19
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	28

## INTRODUÇÃO

Por muitos anos, teóricos e críticos da tradução consideraram-na em relação aos livros literários e acadêmicos como inferior aos textos em suas línguas originais, pois para eles ler um livro traduzido não tinha a mesma força significativa do original, e, portanto, esse processo não seria aconselhável (BERMAN, 2009). Entretanto, sem a tradução não seria possível para pessoas de outros países que não têm conhecimento da língua do texto de partida terem acesso aos conteúdos desses livros.

O sucesso de livros de literatura contemporânea traduzidos nos dias atuais é um excelente exemplo da propagação da tradução e de como ela é bem aceita. Graças à atividade da tradução e ao profissional a ela dedicado, inúmeras obras estrangeiras podem ser acessadas por leitores de todos os países, pois possuem o conteúdo do livro em sua língua materna.

Um dos fenômenos da literatura contemporânea é a série de livros *Harry Potter*, escrita pela britânica Joanne K. Rowling. O primeiro livro da série, que conta com um total de sete, é *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, lançado no ano de 1997, na Inglaterra, e traduzido para o português brasileiro por Lia Wyler, no ano de 2000, como *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Percebe-se o enorme sucesso dessa série de livros tanto pela quantidade de vendas durante os anos, quanto pelas diversas teses e dissertações que foram escritas analisando variados aspectos das obras. Pode-se citar autores como Martins (2016; 2017), Silva (2021) e Leite (2017), que com seus escritos sobre *Harry Potter* auxiliaram na ideia e na elaboração do presente trabalho.

Inicialmente, o público-alvo da autora era o infanto-juvenil. Contudo, como o livro se tornou um sucesso mundial, tanto jovens quanto adultos passaram a ler os textos. No primeiro livro, somos introduzidos ao universo mágico que estará presente durante a saga e há menção e explicação de conceitos e lugares que não existem no mundo real, já que foram construídos imaginariamente em “um mundo de bruxos”.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como propósito analisar um aspecto específico da tradução de Lia Wyler em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*: como os neologismos que foram criados pela autora sobre o mundo bruxo foram traduzidos. Isso será feito a partir da comparação com os termos do texto fonte em inglês *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. Com isso, pretende-se mostrar que o enredo, bem como os aspectos culturais do livro podem ser traduzidos de forma eficiente para o público-alvo, falante de outra língua, isto quando o tradutor consegue usar estratégias que alcançam efeitos de sentido que trazem ao leitor a atmosfera, o enredo e os personagens do texto original.

O motivo da escolha do tema para este trabalho se dá por afinidade de sua autora com o objeto em questão. Ao começar a ler os livros em português, encantei-me pela escrita dos textos. Isto fez com que, anos depois e já durante o curso de graduação, eu aumentasse o interesse pela área da tradução, resultando, assim, que eu escolhesse fazer este estudo.

Considerando que o livro citado é do gênero fantasia infanto-juvenil e que a história se passa na Inglaterra, questiona-se quais estratégias de tradução devem ser utilizadas pelo (a) tradutor (a) para traduzir essa obra literária, sem que aja muito prejuízo em relação aos os efeitos de sentido identificados no texto de partida. Os efeitos de sentido criam uma identidade para o livro, que não pode ser perdida no processo de tradução. O termo identidade, aqui, está relacionado à criação dos neologismos que se referem especificamente a conceitos do mundo bruxo no livro, além da criação de nomes referentes à escola fictícia dos bruxos na obra.

Entende-se por neologismo a criação de palavras ou o uso de um termo já presente no léxico da língua, mas com um novo significado conotativo a ele atribuído, só conhecido pelos membros de determinado grupo social (SANTOS, 2014, p. 74).

Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir da análise da criação dos neologismos em inglês no livro mencionado, e de suas respectivas traduções para o português, se a tradutora optou por estrangeirização ou domesticação<sup>1</sup>, e quais

---

<sup>1</sup> Esses conceitos presentes no livro *Escândalos da Tradução* (2002) do teórico Lawrence Venuti serão explicados mais a frente, na parte da fundamentação teórica.

procedimentos e estratégias<sup>2</sup> de tradução foram utilizados para manter os efeitos de sentido e a “identidade” que os neologismos da história no texto de partida provocam, além de analisar se houve uma semelhança interpretativa<sup>3</sup> na tradução. Apesar de se tratar de uma obra fictícia de fantasia, será levado em conta se o contexto cultural do local em que se passa a história permaneceu na tradução, considerando como um aspecto importante para a leitura da obra.

A análise dos neologismos na tradução servirá como propósito para observar se os efeitos de sentidos que estão no livro em português causaram sentidos semelhantes ao que os leitores de inglês tiveram ao lê-lo, ainda que seja um público leitor de outro país – já que se trata da criação de um mundo bruxo fictício –, e se foi utilizada uma tradução livre para obter este efeito de sentido.

O estudo aqui presente visa contribuir com pesquisas futuras acerca da tradução das obras de Harry Potter e, também, para a discussão sobre quais estratégias podem ser utilizadas para traduzir obras literárias a fim de recuperar os efeitos de sentido que sejam relevantes para seus enredos.

## **1 METODOLOGIA**

Para o estudo em questão, tem-se em mente que se trata de uma pesquisa qualitativa interpretativa e de um estudo de caso, além de uma pesquisa bibliográfica sobre os aportes teóricos da tradução na visão de Antoine Berman (2002; 2009; 2013) e Lawrence Venuti (1996; 2002). Para complementar o trabalho, houve um estudo bibliográfico sobre textos que falam da tradução dos livros de Harry Potter, tais como o de Martins (2016; 2017), Silva (2021) e Leite (2017), além de uma busca geral sobre a criação e tradução de neologismos na literatura.

A pesquisa qualitativa interpretativa consiste no estudo da construção de sentidos a partir da interpretação e análise do objeto (OLIVEIRA, 2010, p.3-7). Esse tipo de pesquisa pode ser de caráter descritivo e conta com a compreensão das informações expressas no objeto de estudo. Assim, o pesquisador está interessado apenas na qualidade das informações obtidas e não em quantificar uma ocorrência (FREITAS; JABBOUR, 2011, p.9).

---

<sup>2</sup> Conceito dos autores Vinay e Darbelnet (1995) que serão explicados mais a frente na fundamentação teórica.

<sup>3</sup> O conceito de “semelhança interpretativa” foi utilizado por Fábio Alves (2001) para indicar quando a tradução consegue estabelecer um efeito de sentido que semanticamente aproxima-se do original.

Além disso, este estudo de caso, que pertence à abordagem da pesquisa qualitativa, se caracteriza por analisar de forma detalhada, com enfoque exploratório e descritivo, um determinado objeto de estudo para se chegar a uma conclusão ou iniciar uma discussão sobre o objeto em questão (GODOY, 1995). Para isso, foi feita a leitura de artigos e teses a respeito da tradução dos sete livros de *Harry Potter* no geral e, posteriormente, a delimitação da pesquisa se deu apenas para a tradução dos neologismos do primeiro livro da série *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a fim de compará-las ao texto fonte *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. Foi feita também a releitura de ambos os livros na íntegra para a seleção dos neologismos que serão analisados e discutidos no decorrer do trabalho, e para melhor compreensão da obra em suas duas versões.

A análise da tradução dos neologismos do livro será feita a partir da visão da ética tradutória de Antoine Berman (2002; 2009; 2013), presente em seus livros *Prova do Estrangeiro* (2002) e *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (2013), e em seu artigo *A tradução e seus discursos* (2009) e da visão de Lawrence Venuti (1996; 2002), utilizando os conceitos de estrangeirização e domesticação, presentes em seu livro *Escândalos da Tradução* (2002). Além desses teóricos, o estudo a respeito da tradução dos neologismos irá se basear nas ideias dos autores Vinay e Dalbernet sobre procedimentos de tradução, a partir do livro *Comparative Stylistics of French and English*, (1995), que foi publicado em 1958 no francês pela primeira vez. Tais procedimentos serão indicados no tópico da fundamentação teórica. Com isso será analisado principalmente se a tradução conseguiu manter os efeitos de sentido relacionados aos aspectos culturais criados a partir dos neologismos presentes na história.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Ao falar sobre tradução, e principalmente ao traduzir algum texto, nos deparamos com o dilema da tradução, que diz respeito ao ato de traduzir que é servir à obra, ao autor, à língua estrangeira (1º senhor) ou servir ao público e à língua própria (2º senhor). Antoine Berman (2002, p. 15-16) conceitua a tradução como a busca pelo equilíbrio na relação com o Outro, entendido como a cultura e a língua da qual se traduz, e propõe a visada da tradução que consiste em criar uma ligação dialógica com a língua estrangeira do texto fonte (a língua do Outro) no

momento em que se faz a tradução de algum texto literário. Para Berman (2002, p. 18-19), a resistência cultural à obra estrangeira que muitos tradutores têm ao traduzir literatura acaba criando uma tradução etnocêntrica, que tende a apagar todo o sistema da obra original, tirando a sua estranheza que deveria estar presente na tradução, transformando-o em um texto para se adequar às características unicamente da cultura do público-alvo, porém, por se tratar de um texto que não foi escrito originalmente na língua daquele público, a obra possui outra cultura e esse fato deve ser evidenciado na tradução.

As concepções de Berman (1984) apontam para a não aceitação de qualquer adaptação, de qualquer adequação para o público, seja para a cultura, seja para um segmento específico de público, pois a boa tradução nem é apropriadora nem redutora — não se pode apropriar o outro e reduzi-lo ao próprio, ao familiar, doméstico. A tradução tem que ser criadora e enriquecedora. (RODRIGUES, 2007, p. 2).

O processo de tradução que possui esse equilíbrio da relação entre as diferentes culturas, ou seja, da cultura da língua fonte (texto de partida) com a língua alvo (texto de chegada) está envolto em uma ética tradutória na qual o tradutor exerce um importante papel. Para Berman (2002), uma “boa” tradução é uma tradução ética, ou seja, é aquela que não apaga as características da língua e cultura estrangeiras presentes no texto original. A tradução não pode ser separada das condições de produção de qualquer discurso, além de ser interdisciplinar pois “[...]deve-se estabelecer uma relação dialógica entre a língua estrangeira e a língua própria” (BERMAN, 2002, p. 24). Assim, para esse teórico:

A ética da tradução consiste, no plano teórico, em resgatar, afirmar e defender a pura visada da tradução como tal. Ela consiste em definir o que é a “fidelidade”. A tradução não pode ser definida unicamente em termos de comunicação, de transmissão de mensagens ou de rewording. Ela também não é uma atividade puramente literária/estética, mesmo que esteja intimamente ligada à prática literária de um dado espaço cultural. Traduzir é obviamente, escrever e transmitir. Mas essa escritura e essa transmissão só ganham seu

verdadeiro sentido a partir da visada ética que as rege. (BERMAN, 2002, p. 18).

A relação dialógica que Berman (2002) propõe entre a língua do texto fonte e a língua do texto alvo e suas diferentes culturas está na ida ao encontro do Outro, do estrangeiro, fazendo com que sejam reconhecidas as singularidades e diferenças das culturas e línguas de cada povo. De acordo com Berman (2002, p.17), todo método e teoria da tradução se estabelecem na dicotomia da letra e do significado. Para que a visada ética da tradução (que consiste em ser aberta, dialógica, descentralizada e que vive da relação entre as línguas), tenha efeito, deve-se priorizar a tradução da letra. Para Berman (2009; 2013), a tradução da letra não é uma reprodução palavra por palavra, mas a atenção voltada para o jogo dos significantes em um texto, que vão se relacionar, propondo um sentido. No processo de tradução deve-se fazer com que os significantes do original tenham uma relação com os significantes do texto na língua em que foi traduzido.

Essa tradução da letra trabalha, no plano da escrita, uma abertura de integração, ou seja, uma certa “[...] relação ética que constitui-se em reconhecer e receber o Outro como Outro” (BERMAN, 2013, p. 95). Assim, o estrangeiro que está presente no texto original deve permanecer na tradução, mantendo as características essenciais para evidenciar a presença desse estrangeiro (o Outro). Assim,

o tradutor experiencia a diferença e o parentesco das línguas, em um nível que ultrapassa aquilo que a linguística ou a filologia podem empiricamente constatar nesse sentido, porque esse parentesco e essa diferença manifestam-se no próprio ato de traduzir. Em segundo lugar, ele experiencia a traduzibilidade e a intraduzibilidade das obras. Em terceiro lugar, ele experiencia a própria tradução, estando marcada por duas possibilidades antagônicas: ser restituição do sentido ou reinscrição da letra [...] É no trabalho sobre a letra que a tradução tem um papel ético, poético, cultural e até religioso na história. Não tem origem na comunicação dos conteúdos e na restituição do sentido. É o campo de uma ética e de uma poética da tradução, na medida em que a ética e a poesia só existem no respeito (na observância) da letra. (BERMAN, 2009, p. 347-349).

Esse Outro, na perspectiva de Berman (2002; 2009; 2013), é a caracterização ou identidade cultural do autor do texto fonte. Ao escrever seus textos, os autores, principalmente os de obras literárias, colocam em suas escritas a visão do lugar em que eles se situam, como sua cultura e seus costumes para compor a sua obra, e o tradutor tem o dever ético de manter essas características na tradução. O trabalho do tradutor é ser ambivalente, ele submete a sua língua à estranheza da outra, e submete a outra a se articular na sua língua, portanto ele é um re-escritor e não um autor, o tradutor deve tentar sempre dialogar com as duas culturas (a do texto original e a do texto da língua alvo), pois “[a tradução] é manifestação de um original, de um texto que não é somente primeiro em relação aos seus derivados translinguísticos, mas primeiro em seu próprio espaço de língua” (BERMAN, 2013, p. 97).

A tradução é vista, assim, como um processo de comunicação interlinguístico, e é por isso que o tradutor precisa ponderar em relação as suas escolhas tradutórias para que não ocorra a perda da cultura do Outro. Em uma obra, o “mundo” que existe nela é novo a todos os leitores e está sempre ligado a um todo, por isso tem que ser evidenciado tanto no original quanto na tradução, pois [...] “o objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na sua língua esta pura novidade (a obra) ao preservar sua carga de novidade” (BERMAN, 2013, p. 97-98).

O teórico Lawrence Venuti (1996; 2002) também é adepto da ética tradutória, e para ele essa ética inicia com tornar o tradutor visível no momento da tradução e, a partir disso, cria a ligação com a língua do Outro. Venuti (1996) fala da invisibilidade do tradutor, e essa invisibilidade interfere diretamente nas traduções; ela está ligada tanto ao tradutor quanto ao leitor. A invisibilidade é atribuída ao tradutor quando este altera o texto fonte buscando a fluência do texto alvo em sua língua original. É atribuída ao leitor quando este espera uma tradução que possua a forma e a expressão de um texto escrito originalmente em sua língua, apresentando, assim, uma situação de dominação hegemônica e submissão do tradutor.

Venuti (1996) argumenta que essa invisibilidade do tradutor é o que causa o apagamento das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro; os textos são reescritos no discurso que predomina na cultura receptora e são cheios de valores, crenças e representações sociais dessa cultura. Acontece, assim, a

manipulação da língua por parte do tradutor para provocar nos leitores uma leitura fluente e a impressão de que aquele texto é de fato o texto original e não uma tradução, a qual deveria ter as marcas linguísticas estrangeiras.

Uma tradução sempre comunica uma interpretação, um texto estrangeiro que é parcial e alterado, suplementado com características peculiares à língua de chegada, não mais inescrutavelmente estrangeiro, mas tornado compreensível num estilo claramente doméstico. (VENUTI, 2002, p. 17)

Venuti (2002, p. 14-15) define a tradução como sendo “intercultural, com um tipo de autoria secundária para o texto estrangeiro e a serviço de diferentes comunidades, tanto estrangeiras quanto domésticas” envolvendo uma colaboração entre culturas. A postura do teórico frente à ética na tradução é sobre o respeito às diferenças linguísticas e culturais do texto original e o traduzido e que elas devem ser evidenciadas na tradução, de forma que os leitores percebam que se trata de outra cultura e que por isso alguns aspectos no texto da língua alvo serão estranhos para eles.

Para que o tradutor consiga traduzir o texto fonte de forma que a tradução não perca as suas marcas culturais, Venuti (2002) propõe as abordagens de estrangeirização e domesticação. A estrangeirização consiste no estranhamento causado pelos termos que são estrangeiros da obra original e que não pertencem à cultura do texto da língua alvo (texto traduzido). Traz a cultura do Outro na tradução, preservando elementos importantes do texto fonte, possibilitando, assim, a visibilidade da cultura estrangeira. O intuito da estrangeirização é de registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro; isso ajuda a preservar a diferença do texto estrangeiro ao produzir traduções estranhas à cultura de chegada. É uma estratégia de tradução que se concentra mais próximo da língua de partida.

A domesticação é o ato de traduzir (ou reescrever) excertos do texto fonte de acordo com os estilos predominantes da cultura do texto da língua alvo, adaptando imagens e metáforas do texto estrangeiro aos sistemas característicos da cultura receptora. Transforma o “estranho” do texto original em familiar para o público que

vai ler a tradução. Procura colocar na tradução um nível de fluência para os leitores e isso faz com que sejam apagadas as marcas do texto estrangeiro, adequando-se à língua de chegada.

Para Venuti (1996, p.113) “[...]a tradução é o processo através do qual uma mensagem é decodificada a partir de uma cadeia de significantes fornecida pelo autor estrangeiro, e outra mensagem correspondente é codificada em outra cadeia, fornecida pelo tradutor” e com essas estratégias propostas pelo teórico, o tradutor pode, assim, colocar em sua tradução as características que mostram a diferença linguística e cultural entre a língua do texto original e a língua do texto da tradução, como o intercâmbio de significantes, neologismos, dialetos etc. Percebe-se, portanto, que se o tradutor optar por levar o autor ao leitor, o método de domesticação será utilizado, e se o tradutor optar por levar o leitor ao autor, será usada a estrangeirização. Entretanto, o tradutor deve tomar cuidado com suas escolhas, pois “traduções muito domesticadoras que assimilam de modo grosseiro textos literários estrangeiros aos valores dominantes locais, acabam apagando o ar de estrangeiridade da obra”. (VENUTI, 2002, p. 17). E também se a tradução for totalmente estrangeirizadora, o leitor não vai conseguir compreendê-la.

Nos estudos da tradução há uma divergência entre fazer uma tradução “literal” ou “livre” e, a partir de Venuti (1996; 2002), percebemos que essa classificação é precária e vai muito além de um simples processo de traduzir de forma “literal” ou “livre”. Os autores Hatim e Munday (2004) defendem, a partir das ideias de estrangeirização e domesticação de Venuti, que a dicotomia literal-livre não deve ser vista como polos opostos, e sim como um contínuo dentro das estratégias de que o tradutor pode lançar mão (NOVAIS-LIMA; XAVIER, 2022, p. 79).

Cada autor tem o seu estilo de escrever um texto literário, e para que a tradução possa manter as particularidades da obra, o tradutor precisa considerar como agir em relação ao texto original. Venuti (2002, p. 15) vê a tradução “[...] não como uma forma de expressão pessoal, mas como uma colaboração entre grupos divergentes, motivada por um reconhecimento das diferenças linguísticas e culturais que a tradução necessariamente reescreve e reordena”.

Além das estratégias de tradução propostas por Venuti (2002), há também procedimentos de tradução formulados pelos autores Vinay e Darbelnet (1995) que consistem em duas estratégias gerais, que são a tradução direta e a tradução oblíqua. A tradução direta é quando é possível transpor elemento por elemento da língua fonte para a língua alvo, pois há um paralelismo estrutural e metalinguístico entre os idiomas. Já a tradução oblíqua tem sua vez quando existem diferenças estruturais ou metalinguísticas entre a língua fonte e a língua alvo e não é possível transpor certos elementos ou efeitos estilísticos do texto original sem mudar a estrutura sintática ou o léxico para o texto da língua alvo. A tradução direta possui três procedimentos: a tradução literal, o empréstimo e o decalque. A tradução oblíqua é composta por quatro métodos: transposição, modulação, equivalência e adaptação.

A tradução literal é a que se refere a seguir um padrão sintático-semântico da língua fonte. Isso só acontece quando segmentos do texto fonte tem o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática, com as mesmas classes de palavras e sinônimos correspondentes na língua alvo. A tradução literal é mais utilizada quando se traduz entre duas línguas da mesma família, e mais comum quando são de culturas próximas. O procedimento do empréstimo é usado quando existe uma lacuna metalinguística entre as línguas; assim o segmento do texto fonte é simplesmente escrito da forma original no texto da língua alvo. O decalque é considerado um tipo de empréstimo em que uma língua empresta uma expressão de outra com adaptações ortográficas ou traduzida literalmente.

A transposição é a estratégia que consiste em reorganizar o texto morfossintaticamente, quando há alguma alteração na ordem das palavras ou quando há mudança nas classes de palavras. Isso acontece quando a estrutura sintática da língua fonte é diferente da língua alvo. Os significados podem continuar os mesmos, a única coisa que muda é a forma da estrutura das frases. Já a modulação é a tradução de um segmento do texto fonte com uma mudança na estrutura semântica para a língua alvo, mas o significado geral da expressão ou da frase continua. A equivalência é a estratégia de traduzir, mudando completamente uma expressão comum da língua do texto original para obter o mesmo sentido na cultura da língua alvo. Por fim, a adaptação é uma estratégia tradutória de adaptar

aspectos culturais da língua fonte para um similar da língua alvo. De acordo com Saridaki (2021, p. 136):

Um aspecto importante da abordagem de Vinay e Darbelnet é a distinção entre os procedimentos de tradução obrigatórios e os opcionais. Os procedimentos de tradução obrigatórios encontram-se no nível sintático ou lexical. Eles são motivados por diferenças estruturais, semânticas ou socioculturais entre a língua fonte (source language) e a língua alvo (target language) e pertencem à categoria de procedimentos de tradução não literais. Mudanças obrigatórias na sintaxe, que V&D mencionam sob o título “servidão” ocorrem quando o tradutor, em seu esforço para traduzir um ST, é forçado a encontrar novas maneiras de expressá-lo na língua alvo. Além disso, a reestruturação lexical obrigatória é necessária quando um determinado conceito do texto da língua fonte está ausente do texto da língua alvo.

Diferentemente dos procedimentos de tradução obrigatórios, os opcionais partem do estilo e das preferências de cada tradutor. As escolhas do tradutor podem levar em consideração vários fatores, como o tipo de texto que vai ser traduzido, o público-alvo, as preferências estilísticas e as culturas envolvidas.

### **3 CONTEXTUALIZANDO A OBRA**

O universo de Harry Potter, criado pela autora Joanne Rowling, mais conhecida por J.K. Rowling engloba sete livros, e é no primeiro volume da série *Harry Potter and the Philosopher's Stone (Harry Potter e a Pedra Filosofal)* que os leitores conhecem o herói protagonista Harry Potter. No primeiro livro, Harry Potter é um menino de 11 anos que descobre ser um bruxo e passa a conhecer todo o mundo mágico que ele não sabia que existia até então. Harry começa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde ele conhece os seus amigos Rony e Hermione, que vão acompanhá-lo durante toda a sua jornada descobrindo sobre o bruxo das trevas que matou seus pais quando ele tinha apenas um ano de idade, e sobre tudo o que envolve seu passado.

É junto com o protagonista da história que o leitor vai conhecendo e se familiarizando com aquele universo mágico, localizado na Grã Bretanha, e com todos os elementos diferentes que pertencem a ele. Inicialmente, todos os conceitos

que envolvem o mundo bruxo são desconhecidos tanto para o leitor quanto para o próprio protagonista, e é por meio da explicação de outros personagens no decorrer da história que o herói Harry Potter, e também o leitor, entendem o que cada denominação diferente significa.

A escritora J.K. Rowling conta em seu site oficial<sup>4</sup> (s.d) sobre como ela pensou em escrever a história de Harry Potter. Foi enquanto estava viajando de trem, de Manchester para Londres, que ela teve a ideia de escrever sobre um menino bruxo que estudaria em uma escola de bruxaria. Os nomes Harry Potter, para o protagonista, e Hogwarts para a escola, foram os primeiros que Rowling pensou, no mesmo momento em que teve a ideia do enredo. Depois disso, foi bem simples para a autora desenvolver toda a história que envolveria a obra, pois desde o início ela já tinha imaginado como se sucederiam os acontecimentos.

A autora demorou cinco anos para concluir a escrita do primeiro livro, e foi só em junho de 1997 que ela conseguiu publicá-lo pela editora inglesa Bloomsbury, depois de ter sido rejeitada muitas vezes por outras editoras da Inglaterra. Quando o livro foi publicado nos Estados Unidos, pela editora Scholastic Corporation, o título da obra foi mudado para *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, esse fato se deu pela editora americana acreditar que as crianças não leriam um livro cujo título tinha a palavra “filósofo” (*philosopher*) no nome, pois remeteria a um livro com temas filosóficos.

Os sete livros da série Harry Potter foram traduzidos para mais de 80 idiomas, incluindo o português brasileiro. As traduções de todos os livros da série no Brasil foram feitas por Lia Wyler e publicados pela editora Rocco. O primeiro livro foi lançado no ano de 2000, com o título *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

A tradutora Lia Wyler (1934-2018) estudou Letras na PUC-RJ e já era bem conhecida no ramo das traduções literárias de língua inglesa na época em que a obra de *Harry Potter* viria para o Brasil. Por conta disso, e por já ter trabalhado para a editora Rocco anteriormente, a companhia editorial a contratou para traduzir a saga. Apesar de haver críticas quanto às escolhas tradutórias de Wyler para alguns elementos da história, como nomes de personagens e neologismos, de acordo com

---

<sup>4</sup> Site oficial da escritora JK Rowling: <https://www.jkrowling.com/>

a tradutora, em uma entrevista concedida ao site Omelete<sup>5</sup>, suas traduções são bem aceitas tanto pela editora brasileira, quanto pela própria autora. Lia Wyler entrou em contato com J.K. Rowling quando começou a traduzir o primeiro livro da série e a autora lhe enviou uma lista de nomes pedindo para que fossem traduzidos, dando liberdade para Wyler recriá-los, além de traduzir as referências culturais presentes na história. Isso quer dizer que as deixaria inteligível para o português, mas que evitaria que fossem adaptadas. Assim, desde o primeiro até o último livro da saga, a tradutora seguiu as regras determinadas tanto pela Rocco quanto por Rowling.

Lia Wyler procurou não se distanciar da escrita característica de J.K. Rowling nos livros. A tradutora, em resposta à entrevista concedida para a revista *Época*<sup>6</sup>, argumenta que “tornar o texto fluido não é o tradutor impor seu estilo pessoal, “domesticar” o texto, distanciando-o de tal forma do original que ele deixe de pertencer à J.K.Rowling”. Para Wyler, a língua portuguesa possui uma riqueza de palavras que permite traduzir todas as criações de neologismos da autora, deixando-as, assim, com uma legibilidade maior para o público alvo. Apesar de a tradutora ter recriado algumas palavras do enredo para torná-las mais familiares ao vocabulário português, uma questão importante em sua tradução foi que Wyler decidiu manter intocados os costumes e maneirismos da cultura britânica que aparecem na história.

### 3.1 Análise dos recortes

É a partir do primeiro livro da série que os leitores são introduzidos ao mundo bruxo da história e aos conceitos específicos que fazem parte desse mundo de fantasia criado pela autora, elementos que estarão presentes no decorrer dos sete livros. A escolha de analisar o primeiro livro deu-se pelo fato de que o leitor ainda não estaria familiarizado com os neologismos e com os aspectos culturais diferentes, tanto do mundo fictício quanto da Inglaterra, que se fazem presentes na história. Portanto, a menção e explicação desses conceitos ocorrem totalmente no primeiro livro, acontecendo nos livros seguintes apenas a repetição dos mesmos.

---

<sup>5</sup> As entrevistas concedidas pela tradutora Lia Wyler, para o antigo site Omelete, se encontram nos respectivos links: <https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-de-harry-potter> e <https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-da-serie-harry-potter>

<sup>6</sup> Link da entrevista para a revista *Época*, disponível no site POTTERISH: <https://conteudo.potterish.com/entrevista-lia-wyler-revista-epoca/>

Foram identificados, para este trabalho, 11 neologismos referentes a conceitos do mundo bruxo do primeiro livro da série *Harry Potter and the Philosopher's Stone (Harry Potter e a Pedra Filosofal)*, que serão posteriormente analisados. Os neologismos foram selecionados no decorrer da leitura do livro e foram escolhidos aqueles que aparecem mais frequentemente. O quadro abaixo mostra os neologismos em inglês e sua respectiva tradução em português.

### Neologismos

Inglês	Português (BR)
Hogwarts	Hogwarts
Muggle	Trouxa
Ministry of Magic	Ministério da Magia
Diagon Alley	Beco Diagonal
Quidditch	Quadribol
Gryffindor; Hufflepuff; Ravenclaw; Slytherin	Grifinória; Lufa-Lufa; Corvinal; Sonserina
Mudblood	Sangue-ruim
Philosopher's Stone	Pedra Filosofal

Fonte: quadro próprio construído pela pesquisadora

A partir dos estudos sobre estrangeirização e domesticação de Venuti (2002) e do estudo das estratégias de tradução de Vinay e Darbelnet (1995), serão analisados quais dos procedimentos Lia Wyler utilizou na tradução dos neologismos mostrados acima.

Para o neologismo *Hogwarts*, que se trata do nome da escola dos bruxos, a tradutora optou por utilizar a estrangeirização e o procedimento do empréstimo. A estrangeirização desse neologismo trouxe, da língua fonte para a língua alvo, o estranhamento da cultura pertencente ao mundo de fantasia do livro. O empréstimo, por sua vez, consiste em escrever exatamente a mesma palavra do original. Isto, por não haver nenhum termo ou conceito semelhante na língua alvo. No caso do neologismo em questão, trata-se do nome da escola criado especificamente para a história, sendo também um dos nomes de lugares fictícios mais importantes para entender o enredo. Assim sendo, a tradutora o deixou igual ao do texto original na intenção que se mantivesse o mesmo efeito de sentido.

A partir da análise do neologismo *Beco Diagonal* (*Diagonal Alley*), nome referente ao lugar de conveniência exclusivo de bruxos, percebe-se que a tradutora usou da estrangeirização, pois apesar da palavra “beco” existir no vocabulário em português, com o mesmo significado que possui em inglês (de rua estreita e curta, com ou sem saída e cercada de prédios<sup>7</sup>), a palavra “diagonal”, assume outras características, além da adjetivação de ser transversal, pois nomeia um lugar. A estrangeirização pode ser vista como a estratégia utilizada, pois o termo completo “Beco Diagonal” não é comumente utilizado tanto no vocabulário em português, quanto no inglês, sendo um neologismo criado apenas para se referir a um lugar fictício, e a tradutora manteve esse nome, apenas traduzindo-o para o português, portanto isso possibilitou que a cultura pertencente à obra estrangeira, mesmo sendo fictícia, se mantivesse na tradução, já que permaneceu o efeito de sentido proposto pelo neologismo correspondente em inglês e que refaz a atmosfera da história. Já a transposição, também utilizada na tradução desse neologismo, consiste em reorganizar morfossintaticamente o texto quando há uma alteração na ordem das palavras por serem línguas que seguem uma estrutura sintática e/ou morfológica diferente. No inglês, a estrutura morfossintática segue a ordem de adjetivo em primeiro e substantivo em seguida; já no português, a estrutura é substantivo primeiro e adjetivo depois. Então, não faria sentido para o público-alvo, falante de língua portuguesa, se a tradutora seguisse a ordem sintática do inglês, portanto, a tradução desse neologismo ficou diferente apenas em relação à estrutura da frase, já que o efeito de sentido permaneceu o mesmo.

O neologismo *Quadribol* teve para a sua tradução a estratégia de domesticação e modulação. A tradução pode ser considerada como uma domesticação, porque se trata de uma palavra inventada pela tradutora sem seguir alguma relação com a expressão em inglês. Dessa forma, ela se utilizou também da modulação, que consiste traduzir um termo do texto fonte mudando a estrutura semântica, mas mantendo seu significado geral, como podemos observar no neologismo citado. *Quidditch* se refere ao nome do jogo praticado pelos bruxos na história, e apesar de “quid” significar “a pound” (uma libra) na cultura britânica, e “ditch” significar “vala” ou “fosso”, de acordo com o dicionário Cambridge<sup>8</sup>, não

---

<sup>7</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/beco>  
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/alley>. Acesso em: 12 maio 2023

<sup>8</sup> <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/quid>

existe a junção dessas duas palavras no vocabulário em inglês, sendo uma criação totalmente fictícia por parte da autora. Contudo, Lia Wyler, para traduzir esse neologismo pensou nos elementos que envolvem o esporte na própria história. No jogo há quatro bolas, então ela escreveu “quadri”, um prefixo vindo do latim, e “bol” referindo-se a “ball”, que significa “bola” em inglês.

No neologismo *Trouxa (Muggle)* foi utilizada a domesticação e a adaptação. A tradutora optou pela domesticação para que esse termo se adequasse à língua do texto alvo, tirando o “estranho” do neologismo inventado pela autora no texto original; porém essa adaptação fez com que o sentido mudasse completamente, já que “Muggle” na história se refere a alguém que não tem poderes bruxos, e não a alguém que se deixa enganar com facilidade, que é facilmente enganado ou iludido<sup>9</sup>, como é o sentido dessa palavra no vocabulário em português. Entretanto, de acordo com Lia Wyler em entrevista para o site Omelete<sup>10</sup>, a autora JK Rowling utilizou a palavra inventada “Muggle” com o sentido de “fool”, e para traduzi-la a tradutora pesquisou todas as palavras que tinham o significado de “fool” em português e optou por “trouxa”, por ser considerada mais intensa que “tolo” ou “bobo” e mais leve que “otário”.

Os neologismos *Grifinória (Gryffindor)*, *Lufa-Lufa (Hufflepuff)*, *Corvinal (Ravenclaw)* e *Sonserina (Slytherin)* se referem ao nome das casas da escola e ao sobrenome dos fundadores de Hogwarts. Cada um dos fundadores – Godric Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin – criou a sua respectiva casa para selecionar os alunos que pertenceriam a elas, com base em qualidades e características que cada um prezava e considerava importantes<sup>11</sup>. Os alunos que são selecionados para a Grifinória (Gryffindor) devem ter as características de ousadia, coragem e nobreza, o que remete ao símbolo da casa que é um leão, já que esse animal é sempre relacionado à coragem e também à nobreza. Em relação ao nome da casa, ele não está ligado diretamente ao seu símbolo. Entretanto, podemos analisar a partir da questão de que o prefixo Gryff

---

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/ditch>. Acesso em: 12 maio 2023

<sup>9</sup> Significado da palavra de acordo com o Dicionário Online de Português. <https://www.dicio.com.br/trouxa/>

<sup>10</sup> Link da entrevista: <https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-de-harry-potter>

<sup>11</sup> As definições sobre as qualidades e características foram retiradas do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2015), e se encontram nas páginas 89-90 do respectivo livro.

pode ter vindo do latim “gryphem” que significa “griffin” (grifo), um animal mitológico que possui cabeça e asas de águia, mas com corpo de leão.

Os alunos selecionados para a Lufa-Lufa (Hufflepuff) devem ser justos e leais. O animal símbolo da casa é um texugo, que é conhecido por formarem bandos grandes ou pequenos, por sempre proteger a sua espécie em qualquer ocasião, e por ser destemido. Está implícita na história, porém, a razão das qualidades dos estudantes pertencentes à Lufa-Lufa serem justiça e lealdade – a ligação com o que o texugo representa. Entretanto, apesar do símbolo da casa ter relação com as qualidades dos estudantes, o nome tanto em inglês quanto em português não remete nem ao animal e nem as qualidades. A palavra “huff”<sup>12</sup> no inglês britânico significa “to become angry” (ficar bravo, na tradução literal) ou “to blow or puff heavily” (bufar forte), e “puff”<sup>13</sup> significa “ofegar”; portanto, pode-se inferir que a junção das palavras foi apenas inventada pela autora para se tornar o nome da casa.

Para pertencerem a casa da Corvinal (Ravenclaw), os alunos precisam ter como qualidades que se destacam a inteligência, mente aberta e originalidade. O nome da casa remete exatamente ao seu símbolo (*raven*), que é um corvo, além desse animal ser considerado como a representação da sabedoria, remetendo também às qualidades necessárias aos alunos escolhidos. A palavra “claw” significa “garra”, e não tem outra explicação além do fato de que corvos possuem garras afiadas que os ajudam a caçar, podendo estar relacionada também à questão da inteligência.

Para a casa da Sonserina (Slytherin), os estudantes devem ser ambiciosos e astutos para pertencerem a ela. O nome da casa em inglês possui o prefixo “sly”<sup>14</sup> que significa “astuto”, portanto, relacionando-se diretamente à qualidade que os alunos devem possuir, além de que em inglês a palavra “slither”<sup>15</sup> significa deslizar, se mover sorrateiramente, o que remete ao símbolo da casa que é uma cobra.

Após analisar esses neologismos dos nomes das casas, percebemos que há uma intertextualidade com outros elementos, como o significado de algumas

---

<sup>12</sup> <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/huff>. Acesso em: 12 maio 2023

<sup>13</sup> <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/puff>. Acesso em: 12 maio 2023

<sup>14</sup> <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/sly>. Acesso em: 12 maio 2023

<sup>15</sup> <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/slither>. Acesso em: 12 maio 2023

palavras que compõe os nomes ou com os animais que são os símbolos das casas. A tradutora escolheu utilizar-se da domesticação para, talvez, transformar o “estranho” da pronúncia em inglês dessas palavras e facilitar a maneira de falá-las em português, tornando-as mais familiares. Lia Wyler também usou da estratégia do decalque, que consiste em modificar expressões da outra língua fazendo adaptações ortográficas, como é o caso dos neologismos em questão. Contudo, a maioria das relações com as palavras que constituem esses termos, criando os efeitos de sentido em inglês foi perdida na tradução para o português. Pode-se destacar o nome *Sonserina* (*Slytherin*) como um ato autoral da tradutora, já que a criação dessa palavra não há nenhuma ligação com o respectivo termo em inglês.

Na tradução do neologismo “sangue-ruim” (*Mudblood*) foram utilizadas a domesticação e a modulação. A tradução levou em consideração que “mud” em inglês é lama, portanto, algo sujo. No livro, esse neologismo se refere a uma característica de um grupo, portanto, fazendo o papel de adjetivo sintaticamente, quando é falado por alguns personagens para se referirem a quem não nasceu bruxo, mas se tornou bruxo depois, e que por isso são vistos como alguém ruim, que “suja” a reputação dos bruxos “puro sangue”; “blood” foi traduzido por seu equivalente literal que significa “sangue”. A modulação consiste em mudar a estrutura semântica da expressão, mas mantendo o seu significado; na tradução desse neologismo houve uma mudança lexical que causou outro efeito de sentido; além disso, a estrutura sintática das frases/expressões no português mantém a ordem de substantivo primeiro seguido do adjetivo. No neologismo *Mudblood*, a palavra “mud” tem o papel de adjetivo e “blood” atua como substantivo, por isso no português a tradução ficou com o substantivo “sangue” seguido do adjetivo “ruim”.

A tradutora poderia ter optado por traduzir como “sangue-sujo”, por exemplo. Entretanto, ter traduzido como “sangue-ruim” também foi uma boa opção, pois não tirou o efeito de sentido do neologismo, já que os personagens que recebem esse adjetivo são vistos como “ruins” pelos bruxos puro-sangue no sentido de não serem bons o bastante, de não pertencerem de fato ao mundo bruxo, portanto, o efeito de sentido na tradução remete a essa característica.

Para o neologismo *Ministério da Magia*, foi utilizado em sua tradução a estratégia de estrangeirização e de tradução literal. A estrangeirização trouxe o

estranhamento desse neologismo por se tratar do nome de um lugar que não existe no mundo real. O termo “ministério” existe no vocabulário em português e um dos seus significados é “o conjunto dos ministros de Estado que constituem um gabinete governamental; edifício e repartições em que funciona esse serviço público”<sup>16</sup>, e segue o mesmo significado da palavra em inglês e o mesmo sentido na história. A tradução foi feita seguindo elemento por elemento da expressão, pois possui sinônimos no português com as mesmas classes de palavras. Apesar de serem conceitos inventados, as palavras que compõem as expressões existem no vocabulário em português, portanto, pôde-se traduzir seguindo elemento por elemento para manter o efeito de sentido correspondente desses neologismos no texto da língua fonte.

Por fim, o neologismo *Pedra Filosofal (Philosopher’s Stone)* pode ser considerado como estrangeirização e traduzido pela estratégia da transposição. O neologismo “Pedra Filosofal” não é um termo utilizado fora do universo fictício criado pela autora, portanto, o estranhamento que ele passa foi deixado na tradução para que o efeito de sentido que remete a algo desconhecido na história permanecesse também na língua alvo. A tradutora poderia ter traduzido literalmente como “Pedra do Filósofo”, já que o apóstrofe que está na expressão em inglês tem o papel de indicar posse de algo, no caso, a pedra que pertence ao filósofo. Porém Wyler pode ter optado por usar a transposição, que consiste em não seguir os critérios da tradução literal para mudar a estrutura da expressão em inglês na tradução apenas por uma questão de escolha estilística pessoal. A mudança no formato da estrutura do neologismo não tirou o efeito de sentido dessa expressão, permanecendo com a compreensão semelhante ao que os leitores do original têm do enredo, já que esse neologismo está presente no título do livro<sup>17</sup>.

#### 4 CONCLUSÃO

Depois de entendermos as teorias sobre tradução de Antoine Berman (2002; 2009; 2013) e de Lawrence Venuti (1996; 2002), principalmente a questão da ética tradutória, e após ter sido feita a análise dos neologismos, podemos concluir que a

---

<sup>16</sup> Significado da palavra de acordo com o dicionário de português Michaelis <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ministerio>. Acesso em: 12 maio 2023

<sup>17</sup> Todos os significados das palavras destacadas com aspas foram consultados no dicionário em inglês, Cambridge, e no dicionário Michaelis em português.

estrangeirização utilizada pela tradutora em algumas partes da obra possibilitou que elementos importantes do texto original e de sua cultura fossem preservados e mantidos no que diz respeito à tradução dos neologismos, possibilitando a visibilidade da cultura estrangeira e também da fictícia, já que a obra em questão é de fantasia.

Percebe-se que Wyler optou tanto pela estratégia da estrangeirização quanto da domesticação nos neologismos analisados, pois, retomando a sua fala em uma de suas entrevistas, a tradutora procurou, durante todo o percurso da tradução, manter as características da escrita de J.K. Rowling, e isso pode ser mais evidenciado naqueles em que a tradutora usou da estrangeirização.

Nos neologismos que Lia Wyler optou por utilizar da estratégia da domesticação, possibilitou-se que os termos muito diferentes do vocabulário português ficassem mais fáceis de serem lidos, porém alguns dos termos que foram domesticados perderam o efeito de sentido que havia no texto original, como é o caso principalmente dos nomes das casas, que ao serem traduzidos perderam as relações de sentido com os outros elementos que compunham as palavras.

Outro neologismo importante que perdeu o efeito de sentido que a obra original procurou retratar foi o “muggle”, já que a estratégia da domesticação tirou o estranho que essa palavra deveria causar nos leitores. Por ser uma expressão inusitada, ela deveria naturalmente causar um estranhamento, tanto para o público da língua fonte quanto para o da língua alvo. Entretanto, não foi possível para os leitores do texto traduzido sentirem esse estranhamento, já que a opção de tradução escolhida por Wyler foi de uma palavra muito usual no vocabulário em português.

Como visto com Berman (2002) e Venuti (1996; 2002), a tradução deve ir ao encontro do Outro, ou seja, manter os elementos estrangeiros da obra original para que sua cultura não seja apagada. A obra analisada é de fantasia, portanto, é natural que esse gênero literário tenha como objetivo colocar elementos diferentes na composição do enredo. A autora JK Rowling colocou em sua obra muitos neologismos com o objetivo de criar um mundo mágico, que não possui elementos (e expressões) conhecidos, portanto, a tradução deve tentar ao máximo manter os

efeitos de sentido dos termos do original para que a compreensão desse mundo fictício não se perca.

Apesar da tradutora Lia Wyler ter optado por algumas estratégias de tradução que não favoreceram alguns dos neologismos e seus efeitos de sentido, a sua tradução no geral proporcionou o entendimento da história da obra, não deixando nenhuma lacuna que o público da língua alvo não entendesse ou que ficasse completamente diferente da escrita original.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio. Relevância em Contextos Culturalmente Marcados: a semelhança interpretativa em pauta. *In*: Fábio Alves (org.). **Teoria da Relevância & Tradução: conceituações e aplicações**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 87-107.

ANAUATE, G. Entrevista – Lia Wyler – Revista Época. **POTTERISH**, 29 out. 2007. Disponível em: <https://conteudo.potterish.com/entrevista-lia-wyler-revista-epoca/>. Acesso em: 12 maio 2023

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. Tradução de Marlova Aseff. **Alea: Estudos Neolatinos**, [s./l.], v. 11, n. 2, p. 341-353, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO)

BERMAN, Antoine. **A Prova do Estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Baurú, SP: Edusc, 2002.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerin. 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC. Copiart, 2013.

COLE, B. Why Harry Potter's First Novel Has a Different Title in the US. **CBR**, 29 ago. 2021. Movie news. Disponível em: <https://www.cbr.com/harry-potter-why-philosophers-stone-changed-title/>. Acesso em: 15 maio 2023

FORTUNATO, E. Omelete entrevista: Lia Wyler, a tradutora da série Harry Potter. **The Enemy**, 28 nov. 2003. Disponível em: <https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-de-harry-potter>. Acesso em: 12 maio 2023

FORTUNATO, E. Omelete entrevista: Lia Wyler, a tradutora da série Harry Potter. **The Enemy**, 06 dez. 2005. Disponível em: <https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-da-serie-harry-potter>. Acesso em: 12 maio 2023

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**, [s. /l.], v. 18, n. 2, p. 7-22, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/134684>. Acesso em: 04 abr. 2023

GENTZLER, Edwin. Lawrence Venuti: repensando a tradução. *In*: GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. 2. ed. Tradução: Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009. p. 62-69.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, Escola de Administração de Empresas de S. Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

J.K ROWLING WEBSITE. Disponível em: <https://www.jkrowling.com/>. Acesso em: 15 maio 2023.

LEITE, Isabella Aparecida Nogueira. A tradução dos nomes em Harry Potter. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 56-63, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23206>. Acesso em: 20 mar. 2023

MARTINS, Leonardo Freitas de Souza. **Harry Potter e a tradução de seus neologismos no Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23576>. Acesso em: 20 mar. 2023

MARTINS, Leonardo F. de Souza. Uma crítica de tradução: Harry Potter e a Pedra Filosofal no Brasil. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 5, n. 3, p. 41–56, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11398>. Acesso em: 20 mar. 2023

NOVAIS-LIMA, Priscila de Oliveira; XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Venuti entre visibilidade e escândalos: afiliação, contribuições e críticas. **Revista Graphos**, Paraíba, v. 24, n. 1, p. 65-85, 25 jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/62538>. Acesso em: 27 abr. 2023

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. e3122, mar. 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>. Acesso em: 04 abr. 2023

RODRIGUES, Cristina Carneiro. A prática da tradução por teóricos tradutores. **Tradução em Revista**, [s.l.], v. 2007, n. 4, p. 1-6, 28 dez. 2007. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.11087>.

ROWLING, JK. *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. London: Bloomsbury, 1997.

ROWLING, JK. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

SANTOS, Carolina Reis Vieira. **Tradução de gírias em Harry Potter: Um estudo com base em *corpus***. Tese de Doutorado (Letras) – UFSC. Florianópolis, p.74. 2014.

SARIDAKI, Evanthia. Vinay & Darbelnet's Translation Techniques: A Critical Approach to their Classification Model of Translation Strategies. **International Journal of Latest Research In Humanities And Social Science**, [s. l], v. 4, p. 135-137, nov. 2021.

SILVA, Henrique Pedro Bezerra. **Uma análise da tradução de Harry Potter e a Pedra Filosofal à luz das tendências deformadoras de Antoine Berman**. 2021. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/19858>. Acesso em: 24 mar. 2023

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Palavra 3, 1996.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin, Luenéia M. Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Edusc, 2002.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English: a methodology for translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.